



de Antas

BOLETIM PAROQUIAL



Director e Editor: P.º MANUEL DE BRITO FERREIRA | Propriedade da Paróquia: S. PAIO DE ANTAS | Redacção e Administração: CENTRO PAROQUIAL — TELEF. 87250 | Composição e Impressão: TIP. OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

Editorial

SEMPRE EM FRENTE!...

Aqui temos, ao nosso alcance, mais um número do nosso jornal. Sai jovem, arejado, cheio de vida, humor e cultura. Não será ainda o que deveria ser — são tantas as nossas limitações — mas é o que pode ser e isso é já bastante.

Este jornal é, segundo as suas características próprias, uma colectânea informativa, recreativa e cultural, que tem em conta a diversidade enorme dos leitores e sabendo de antemão que não pode satisfazer a todos por igual, procura ser acessível à maioria.

Sem deixar de ser um boletim cheio de frescura e graça, o nosso jornal terá

que ser cada vez mais informativo. Ele será sempre o nosso fiel companheiro que temos sobre a mesa, para uma leitura amena e digestiva na hora de sesta.

Afinal de contas, qual o nosso desejo ao elaborar este número?

Queremos dizer que não parámos, «SEMPRE EM FRENTE»... será mais um dos lemas a seguir. Também queremos, sinceramente, que o leitor amigo possa encontrar, juntamente com aquilo que é caduco, qualquer coisa de positivo, de permanente como a cultura, o espírito e a verdade.

EIS O NOSSO JORNAL! CADA VEZ MAIOR E MELHOR!

CORTEJO

(OBRAS PAROQUIAIS - O NOSSO INTERESSE)

UM ÊXITO CONSUMADO

«Não há memória... de se realizar um cortejo tão variado, como este!»

(Desabafo de um paroquiano de 85 anos)

(Ler reportagem e gravuras nas páginas 6 e 7)



O povo marcou presença... com as suas dádivas...

UMA “VELA,, !... EM TUA VIDA!

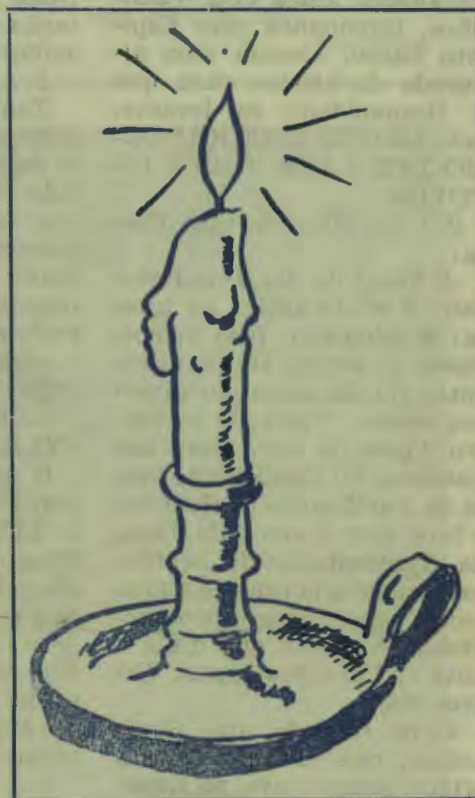
Aproxima-se o dia 2 de Fevereiro, dia de Festa para todo o Cristão. Queria recordar-te umas tantas verdades da minha e da tua fé. Com um pouco de paciência, chegarás ao fim e hás-de gostar com certeza.

Queria recordar-te na Bíblia, uma Palavra Divina, na História, uma Festa, e na Fé, uma Vida.

1.º Na Bíblia: uma Palavra Divina:

A terra e a sociedade, onde Jesus nasceu, tinham as suas leis, que, há 1.500 anos, Deus, no Monte Sinai dera a Moisés. Dessas leis, havia 2 que a Sagrada Família teve de cumprir quando o seu Menino tinha 40 dias:

A mãe devia ir ao Templo purificar-se, oferecendo um cordeirinho em acção de graças pelo seu feliz sucesso e um pombinho ou uma rola, como expiação pelos seus pecados. (Se fossem pobres, ofereceria uma outra rola ou pombinho, em lugar de cor-



deiro). Então o sacerdote sacrificava-os ao Senhor e essa mãe ficava purificada.

A 2.ª lei era esta: caso esse filho fosse o 1.º que a mãe judia tinha, então, já purificada, ela apresentava-o ao Senhor, como reconhecimento de que só a Ele pertencia, pagando em resgate do menino, um preço simbólico determinado na lei.

A Sagrada Família subiu

(Conclui na 2.ª Pág.)

Testemunho

Testemunho. Em S. Paio d'Antas

Alguém que passou. Viveu. Anunciou. Contactou.

Três dias de pregação. Na Igreja. Em reuniões. Em convívio humano. O povo do Se-

nhor veio. Aprendeu. Lembrou o caminho da Salvação. Dentro da História que vivemos. Em esforço de renovação religiosa. A Igreja, edifício, enchia-se. Tal qual, enchia-se. De manhã. À noite. O

(Conclui na 2.ª Pág.)



Uma vela... em tua vida!

(Conclusão da 1.ª Pág.)

a Jerusalém para cumprir estes dois preceitos divinos, originando-se os dois factos da Infância de Jesus: antes de tudo, a Sua *Apresentação no Templo*, 40 dias, após o Seu nascimento; e depois Maria, a privilegiada Virgem e Mãe, que aceita para Si o *rito legal da Purificação*, aplicado a Ela, não certamente para reparar, mas sim para honrar a Sua inocência imaculada.

Terminadas estas duas cerimónias, aconteceu um facto extraordinário: o Santo Velho Simeão e a Profetisa Ana reconheceram, no Menino Jesus, o Salvador, há milhares de anos prometido e esperado. Como sentinelas, à espera da aurora, estes dois Velhinhos, iluminados pelo Espírito Santo, «tocam uma alvorada de alerta» para que a Humanidade se levante, pois CRISTO CHEGOU COMO LUZ PARA TODOS OS POVOS.

2.ª) Na História uma Festa:

A Festa do dia 2 de Fevereiro é muito antiga na Igreja: é celebrada, pelo menos, desde o século III, e desde então foi chamada por diversos nomes: Festa do Encontro, Festa da Luz, Festa das Candeias ou Candelária, Festa da Purificação da Senhora e hoje tem o nome de Festa da Apresentação do Senhor, exactamente porque nela aparece Cristo, como o protagonista, na oferta que d'Ele é feita ao Pai Celeste, pela Virgem Mãe.

É, na verdade, uma Festa antiga, que encontra a sua origem sempre viva, no Evangelho, que ao princípio recordei. Mas qual será a sua origem na História da Igreja?

— Não se sabe ao certo. Desde o século III que se celebra na Igreja.

No ano 430, um escritor descreve-a como uma Festa muito solene em honra da Virgem Mãe de Deus, celebrada por uma imensa multidão de fieis.

Os Gregos chamaram-lhe a *Festa do Encontro*, em razão de o Santo Velho Simeão e a Profetisa Ana encontrarem nesse dia o Messias esperado, na pessoa de Jesus, proclamando-O a LUZ DOS POVOS. (Daqui se chamar também *Festa da Luz*, celebrada com centenas de Velas ou de Candeias — *Festa das Candeias*).

Em 512, é eleito Papa, Gelásio. Este Santo Padre deu a essa Festa uma solenidade ainda maior, ao mandar realizar uma procissão nocturna para substituir, no costumes cristãos, as cerimónias pagãs de Purificação, ainda existentes e que se realizavam no dia 13 ou 14 de Fevereiro. Então o Papa Gelásio instituiu a *Festa da Purificação da Senhora*, com a procissão das Candeias, a fim de suflorar, com a Santidade da vida

cristã, as profanações e as infâmias que os pagãos cometiam neste tempo, levando archotes acesos e fazendo muitas cerimónias ímpias à volta dos seus templos, às quais davam o nome de «Lustrações». Como vemos aqui nasceu a cerimónia tal qual a temos hoje: a benção e procissão das Velas, à qual se segue a Santa Missa.

No ano 542, em que era imperador romano, Justiniano, foi celebrada em toda a Igreja a Festa da Purificação, no dia 2 de Fevereiro, dia este que dista de 25 de Dezembro, 40 dias, como mandava a Lei dos Judeus.

E esta Festa continuou a ser celebrada através dos séculos da Vida da Igreja, até aos nossos dias (hoje com o título de Festa da Apresentação do Senhor, pela razão acima dada).

3.ª) Na Fé, uma Vida:

Tantas coisas poderíamos ambos recordar aqui. Só uma te deixo e é esta: UMA «VELA»... EM TUA VIDA! O que escrevo agora não são palavras minhas, mas do Santo Padre Paulo VI, pronunciadas no dia 2 de Fevereiro dos anos anteriores.

— Jesus Cristo é a LUZ DOS POVOS!

— Jesus Cristo é UMA «VELA»... EM TUA VIDA!

O Apóstolo S. João diz no Seu Evangelho: «A Vida era a LUZ». A LUZ é Cristo. Cristo é a Luz por excelência, a Luz que é a Vida; Cristo é a Luz da Fé que resplandece nas trevas do pecado. Ele mesmo disse: «Enquanto estou no Mundo, sou a Luz do Mundo». Se, num quarto escuro, acendo uma Vela, es-

ta enche todo o quarto de Luz. Jesus Cristo é esta «Vela»... em tua Vida.

— Cada um de nós é UMA «VELA»... NA VIDA DOS OUTROS!

Se recebemos, de Cristo, a Luz, também nós somos Luz. «Vós sois a Luz do mundo», como Ele nos disse. Mas como a recebemos? Como a fazemos resplandecer?

É ainda a Vela que no-lo diz: ardendo e consumindo-se ao arder. Um clarão de Luz, um raio de amor, uma inevitável imolação manifestam-se naquela Vela imaculada e erguida, enquanto ela, espalhando o seu dom de Luz, se consome em silencioso sacrifício.

Onde se pode encontrar reflectida, com evidência mais lírica e dramática, a história da Vida Cristã? O círio é símbolo de uma imolação, que, ao consumir-se difunde Luz à sua volta.

Aprende o murmúrio da Vela para a tua Vida! Nesse murmúrio há um convite de Deus que te criou: «Eu (o Pai do Céu) dei-te a Vida para ter alguém que me respondesse livremente; amas-me?»

E, primeiramente, com temor, e depois com audácia, ousamos dizer «Sim, ó Senhor, a minha Vida deve ser uma resposta de amor, ao Amor. Tudo o que em tenho recebi-o de Ti; a Ti o restituo, na imolação da Vida a fazer dos homens».

Não esqueças nunca que há UMA «VELA»... EM TUA VIDA.

Celebremos com fé a Festa da Apresentação do Senhor.

F. C.

Testemunho

(Conclusão da 1.ª Pág.)

grande salão de espectáculos até era pequeno.

Vivemos ali. Naquela aldeia que sobe ao monte e desce a beijar o mar. Ali vivemos três dias do nosso Sacerdócio. Três dias válidos para nós. Para S. Paio d'Antas? Sim, creio.

Era mês de Novembro. O mês da comunhão, por excelência, com a Igreja do Além. Falámos das últimas realidades que são também as primeiras. Primeiras no valor. Primeiras em eternidade. A morte cristã. A ressurreição. O dia do Senhor-Juízo. A alegria. A esperança. Foram os temas que procurámos meditar. E o Povo ouviu. Ávido. Atento. Contento.

Contactámos também. Com os casais. Dialogámos. Apareceram problemas. A convivência conjugal. A educação dos filhos. Contactámos com os jovens. Falámos. Da convivência moços — moças. Do choque geração jovem — geração adulta. Do problema religioso. Salientamos ainda, com os jovens, a Eucaristia. Uma eucaristia viva, empenhante. A refeição sagrada seguiu-se o lanche-jantar. Simples, modesto, sóbrio, alegre. Houve música. Gostámos, francamente gostámos.

Com agrado tivemos conhecimento da orientação pastoral. Da estruturação catequética de crianças, jovens, adultos. Da equipa litúrgica. Do apreço pelo canto religioso. (Belo orfeão — o de S. Paio). E a par de todo este esforço de cultura e interiorização religiosas, vimos a renovação material. Dentro do edifício

da Igreja. No complexo social.

Na residência paroquial. No ajardinamento dos acessos aos diversos blocos. Vimos os fieis empenhados. Bravo!

Enfim. Foram três dias. Numa paróquia minhoto. A sintonizar com o Concílio Vaticano II. Numa paróquia a jovem de cristianismo a comprometer-se.

Fez-nos bem. A nós, missionário. Que os nossos três dias tenham sido também proveitosos ao Povo Cristão de S. Paio d'Antas.

(Sic...)

Coimbra, 5 de Dezembro 1976

Veríssimo Teles
Missionário do Espírito Santo

GAZETILHA Desportiva

Da tão contraverga Arca, recebemos uma carta, datada de 13/12/76 com seguinte teor:

Ex.º Sr. Director do jornal «Voz de Antas».

No n.º 0 do jornal de que V.ª Ex.ª é director, é publicada, na pág. 7, uma notícia que atribui a um denominado G. D. A. — Grupo Desportivo de Antas, alguns desafios de futebol realizados pela equipa representante desta Associação...

Acreditamos tratar-se de lapso ou má informação, agradecemos que seja efectuada, no próximo número de «Voz de Antas», a necessária rectificação.

De qualquer modo, lamentamos que, em caso de dúvida, não tenha sido contactado qualquer dos responsáveis da Secção de Desporto da A. R. C. A. — que facilmente teria desmentido a notícia.

Com os melhores cumprimentos.

O responsável pelo Departamento de Futebol.

Nota da Redacção: Damos conhecimento aos nossos leitores da reivindicação da Arca. Desconhecíamos que houvesse monopólio de desporto, em S. Paio de Antas...

Ar guerreiro

Um alemão, dizia: — Tenho o ar tão guerreiro que, quando me vejo no espelho, sinto medo de mim próprio!...

— Imagina tu que ontem caí duma escada de 20 metros.
— E não quebraste nenhum osso?
— Não. Eu estava no primeiro degrau,

(Conclui na 4.ª Pág.)

Não existe liberdade religiosa na Rússia

De um artigo de «A. Freire», «A Igreja na Rússia», publicado em «O Comércio do Porto» de 29 de Setembro de 1976:

«O povo russo é profundamente religioso. A todos os inquiridos que os cabecilhas do Kremlin, durante anos sucessivos foram fazendo sobre as crenças religiosas do povo, este respondia esmagadoramente com inequívoca afirmativa: «somos crentes e queremos a religião». A tal ponto que, a determinada altura, cessaram os inquiridos e os corifeus do comunismo ateu, na chefia do Governo, já se contentavam que o povo não se servisse da religião para hostilizar o regime.

Mas liberdade religiosa, na prática não existe; e alguma que vigora é muito restrita. Até aos 21 anos, nenhum jovem pode falar de religião, nem ninguém está autorizado a falar dela aos jovens. No ano de 1974, a crença em Deus era punida com a multa de 50 rublos. «Não há lugar para liberdade religiosa», co-

menta o «Frankfurter Allgemeine». Segundo os comunistas russos, a crença religiosa é prejudicial à sociedade, à saúde e à família; tem que desaparecer. Sobretudo é preciso proteger a juventude contra qualquer crença religiosa.

A educação religiosa na família pode ser usada como meio de subtrair os filhos à tutela do Estado. Por isso está proibido. E as crianças, logo desde os 3 ou 4 anos são convidadas a filiarem-se nos grupos dos «Pioneiros» e ficam praticamente sob a educação e tutela exclusiva do Estado. Em Leninegrado, ficamos muito admirados de quase não toparmos uma criança nas ruas: estavam todas para os campos dos «Pioneiros».

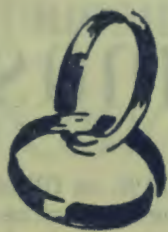
Subministrar ensino religioso pode ser pretexto para ir parar a um manicómio. Foi o que sucedeu ao presbítero Ivan Petrovitschy Fedotov ao qual atiraram para um manicómio de Moscovo, por dar instrução religiosa numa co-

munidade paroquial. Pregar sem licença do Estado pode ser punido com cinco anos de prisão e, até, com expulsão. Foi o que sucedeu ao pároco baptista ucraniano, Wyns.

O Estado pode fechar as igrejas ou perturbar os actos do culto. Onze dias após a assinatura por Breschnev do Acordo de Helsínquia a igreja ortodoxa da Epifania em Schitomir foi encerrada e passou a pertença do Estado.

A Constituição soviética outorga liberdade religiosa; mas mais em teoria e com muitas restrições. Há, de facto igrejas abertas ao culto em Leninegrado, em Moscovo e noutras localidades. Mas só pessoas idosas são autorizadas a frequentar tais igrejas.

Estaline moveu à Igreja a mais furiosa perseguição, depois de Lenine, Krutchev pareceu mais conciliador, mas apenas por estratégia. Nos seus cinco anos de governo desapareceram metade das igrejas, seminários e conven-



Casamentos

«Os esposos cristãos são fortalecidos e como que consagrados em ordem aos deveres do seu estado por meio de um sacramento especial; cumprindo, com a sua força, a própria missão conjugal e familiar, penetrados do espírito de Cristo que inpregna toda a sua vida de fé, esperança e caridade, avançam sempre mais na própria perfeição e mútua santificação e cooperam assim juntos para a glória de Deus» (Gaudium et Spes, 48).

Em Dezembro

Dia 26 — Domingos de Almeida Dias e Arminda dos Santos Pereira da Torre. Ele de 21 anos de idade, natural de Castelo de Neiva, Viana do Castelo, filho de Manuel Augusto Gonçalves Dias e Albina Martins de Almeida. Ela de 27 anos de idade, natural de Antas, lugar de Guilheta, filha de José Gonçalves da Torre e Arminda da Costa Pereira.

Em Janeiro

8 — José Albino Dias Moura e Beatriz Meira de Abreu. Ele de 20 anos de idade, natural de Forjães, lugar de Cerqueiral, filho de David de Bastos Moura e Isabel Gonçalves Dias. Ela de 17 anos de idade, natural de Antas, lugar de Belinho, filha de Manuel Martins de Abreu e Carolina Rodrigues Meira.

16 — Manuel Vitorino Vieira e Maria Lúcia da Torre Rolo. Ele de 21 anos de idade, natural de Castelo de Neiva, do lugar de Moldes, filho de Adão Dias Vieira e Maria Gonçalves Vitorino. Ela de 17 anos de idade, natural de Antas, lugar de Guilheta, filha de Amândio Meira Rolo e Adelaide de Sá Gonçalves da Torre.

Em S. Romão de Neiva

Em Janeiro

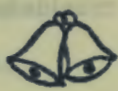
Dia 8 — Fernando da Cruz

da Torre, natural de Antas, do lugar de Azevedo, filho de António Gonçalves da Torre e Amélia Alves da Cruz, com Maria de Fátima Alves Pereira da Silva, natural de S. Romão de Neiva, filha de Domingos Rodrigues Pereira da Silva e Rosa Alves Meira.

Em Forjães

Em Janeiro

Dia 8 — Fernando da Costa Barbosa, de 19 anos de idade, filho de José Maria Barbosa e Cândida Barbosa, do lugar da Estrada, Antas, com Maria da Glória da Costa Roque de 26 anos de idade, natural de Monte Branco, Forjães.



Baptizados

«Pelo Baptismo somos assinalados a Cristo: todos nós fomos baptizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo. Por este sagrado rito é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo: «consepultámo-nos, pois, com Ele, por meio do Baptismo, na morte»; se, porém, nos tornámos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também» (Lumen Gentium 7).

Em Dezembro

Dia 19 — Carlos Alberto Viana da Cruz Dias, nascido a 12 de Fevereiro de 1976, nesta paróquia. Filho de Joaquim Augusto da Costa Cruz Dias e Maria Arminda da Cruz Viana, moradores no lugar do Monte.

Foram padrinhos: Carlos Alberto da Costa Cruz Dias e Maria Júlia da Costa Dias, naturais de Forjães.

Em Janeiro

Dia 1 — Luís Miguel Via-

na dos Santos, nascido a 8 de Novembro de 1976, em S. Every, Essonne, França. Filho de Joaquim Alves dos Santos e de Aurora Viana Alves, moradores no lugar do Monte.

— Paula Cristina Cunha de Sá, nascida a 6 de Outubro de 1976, nesta paróquia. Filha de João Moreira de Sá e de Cândida Lapeiro da Cunha, do lugar de Guilheta.

Foram padrinhos: César Augusto Meira Rolo e Amélia Cardante da Cunha, residentes em Guilheta.



«E quando vier a morte, que virá inexoravelmente, esperá-la-emos com júbilo, como tenho visto que o souberam fazer tantas pessoas santas no meio da sua existência vulgar. Com alegria, porque se imitámos Cristo em fazer o bem — em obedecer e levar a cruz, apesar das nossas misérias — ressuscitaremos com Cristo; que ressuscitou realmente» (Mons. Escrivá, «Cristo que passa», n.º 21).

Em Dezembro

Dia 24 — Rosa Pereira (Mota). Faleceu em Germigny-Les-Prés, França, idade de 62 anos. Natural de Antas. Filha de Joaquim José da Mota e de Rosária Pereira.

31 — José Gonçalo da Cunha Sottomayor Corrêa d'Oliveira. Faleceu em Versailles, França, idade de 55 anos.

Natural de Antas (casa de Belinho). Filho de António Corrêa d'Oliveira e de Maria Adelaide e Cunha Sottomayor de Abreu Gouveia Corrêa d'Oliveira. Sepultado na capela de N.ª Sr.ª do Rosário.

As famílias enlutadas «Voz de Antas» acompanha-as na dor e consola-as com a Esperança da Ressurreição.

Batemos à porta da Junta de Freguesia

Presidente — Manuel Ferreira da Cruz.

Secretário — José Ferreira de Brito.

Tesoureiro — David Martins Vitorino.

Entregamos o nosso caderno reivindicativo, para ser cumprido, já!...

— Luz a todos os lugares e casas. Reforço da já existente.

— Iluminação pública da praia à Igreja, da capela de S. João à Pereira; da Igreja ao Monte; da capela da Sr.ª dos Remédios a Belinho.

— Construção dos edifícios escolares já previstos e solução dos problemas referentes ao pavilhão e recreio da Tellescola.

— Caminhos: da Igreja, à Póça da Pereira, atravessan-

do o lugar do Monte, o segundo mais populoso da freguesia; o caminho que dá acesso ao Milheiro. Prolongamento da estrada até à praia — Foz do Neiva.

— Edifício próprio para a Junta. No logradouro da Tellescola?

— Arear e pintar (int. e exterior) os muros da vedação do cemitério. Garantir a limpeza do mesmo.

— Zelar escrupulosamente o património da nossa freguesia.

Por ser a primeira vez que batemos à vossa porta, não queremos ir mais além. Alegremo-nos ao saber que tendes auscultado os interesses e anseios do nosso Povo. É bom sinal. Não esqueçais — foi o Povo que ordenou que a Junta voltasse para vós. Merecesteis a nossa confiança. Fazemos votos para que nunca desiludais os que em vós confiaram e esperam ansiosamente a solução de algumas carências... tão prementes.

«Voz de Antas» será a vossa voz, está ao vosso dispor.

Felicita-vos e lembra-vos o lema de Cristo — SERVIR!...

Síntese de notícias

No passado dia 30 de Dezembro de 1976, houve um encontro, no Centro paroquial, com o Comissão Fabriqueira e Conselho Paroquial. Analisaram-se as contas da paróquia e discutiram-se as prováveis e possíveis actividades a concretizar no ano de 1977. O tema — obras paroquiais — o nosso interesse, que será assunto em todos os números do nosso jornal, dará conhe-

(Conclui na 4.ª Pág.)

Esclarecimento

Administração «VOZ DE ANTAS»

— O jornal, a nossa voz, como meio doutrinário e apostólico, será entregue em todas as casas da paróquia.

— Se algum, por razões de ordem económica ou qualquer «conveniência» não pagar a sua assinatura, continuará a recebê-lo...

— Se alguém tomou parte na Frente Solidária «Voz de Antas», pagando a sua assinatura e não vem mencionado, deverá avisar a Adminis-

tração para facilitar a contabilidade da mesma.

— Espera compreensão das pessoas que ainda não receberam o jornal, e haviam entregado os endereços. O ficheiro está a ser organizado. Se não recebeu, deverá enviar novo endereço para a Administração — Centro paroquial.

— Agradece aos que mudarem de localidade, o favor

(Conclui na 4.ª Pág.)

À sombra da da Cruz



Leia e divulgue «VOZ DE ANTAS», a nossa voz.
 ASSINATURA ANUAL . . . 75\$00
 ASSINATURA (Estrangeiro) 95\$00
 —
 Próxima equipa redactorial:
 ANTONIO AFONSO VAZ SALEIRO
 MARIA AUGUSTA FERREIRA
 VAZ SALEIRO
 MARIA DULCE FERREIRA
 SALEIRO

(Conclusão da 3.ª Pág.)

cimento dessas mesmas actividades. A reunião tinha sido anunciada com 15 dias de antecedência para todos os interessados tomarem parte. Ninguém apareceu, excepto os organismos representativos da paróquia. Sinal de confiança e de concórdia. Se alguém falar... terá autoridade?!

No dia 1 de Janeiro p. p., o programa do Encontro com o Emigrante: — 10 h. — Confissões — 11 h. — Missa Solene — 12 h. — Visita à residência paroquial e convívio na sala de jantar.

Apostamos num propósito: motivar estes Encontros (do emigrante com Deus e de uns com os outros), no Verão (Agosto) e na quadra do Natal (1 de Janeiro).

No dia 2 de Janeiro p. p., a primeira missa paroquial começou com 10 minutos de atraso. Motivos, sobejamente conhecidos: O pároco trabalhou (para a paróquia) até às 3 horas da madrugada. Às 5 chamaram-no para ir atender a um doente. Sono transbordado. Equilíbrio impossível. É o dia do Senhor. E a missa é já, às 7 horas... Quem reparou no atraso, único até ao momento presente!:

— Os que estão na igreja, a olhar para o relógio, impacientemente fervilhantes.

— Os que chegam tarde à missa, com 10 e 15 minutos.

— Os que ficam fora da porta.

— Os que nem vão à missa. Perderam uma rica oportunidade de estarem calados...

A Organização da Juventude Católica (JAEOCA) iniciou as suas actividades no dia 30 de Janeiro. A estes Profetas do Bem, todo o nosso apoio na certeza de que, em união à Igreja, construirão o seu futuro. Parabéns, jovens.

SEMPRE EM FRENTE, são os votos de «Voz de Antas».

Os encontros de formação religiosa e moral para os pré-adolescentes, adolescentes e jovens, iniciaram-se no dia 23 de Janeiro p. p.

Destacamos, 3 (Estrada), 5 (Pereira), 13 (Igreja e Cima), 29 (Azevedo), 8 (Belinho), 25 (Monte), 54 (Guilheta). Total 137. Embora supuséssemos haver mais juventude em alguns lugares... foram estes os que livremente se matricularam. A estes o nosso LOUVOR.

Eis alguns dos Educadores da Fé: P. e Brito, António Saleiro, Maria Augusta, Maria Dulce, Maria Couto, Rui Correia de Oliveira, Tereza Correia de Oliveira, Maria José, Dr. Agostinho e outros.

A vida sacramental, na igreja da nossa comunidade, em 1976: Baptizados: meni-

nos — 16; meninas — 13; total — 29.

Casamentos, 14.

Óbitos: homens — 10; mulheres — 6; meninos — 1; total — 17.

A Direcção da Bovina, fez a avaliação semestral no dia 23 de Janeiro p. p., junto da capela de N.ª Sr.ª dos Remédios.

Os postes para o reforço da luz — são uma realidade. Bastará passar pelo lugar de Azevedo, Igreja e Monte, e reconhecê-la. Aguardamos, a todo o momento, que realmente a luz seja intensamente mais reforçada...

Amostra de iluminação pública — o caminho de acesso à Telescola. Os professores, num trabalho persistente, teimaram mas conseguiram. E todos nós lucramos com o melhoramento.

Iniciaram-se as obras de abertura duma estrada que vai da porta da Chasca ao campo de futebol. Estamos confiantes na eficácia do trabalho...

Um táxi, no centro da freguesia vai beneficiar muito as nossas gentes. A licença foi concedida a Octávio Fernandes dos Santos, natural de Carraceda de Ansiães.

No dia 8 de Janeiro p. p. houve eleições dos Corpos Gerentes de Associação de pais de alunos que frequentam a Escola Preparatória de Espo-sende:

Lembramos aos pais que ainda não requereram a sua inscrição nesta Associação, a conveniência de o fazerem o

mais depressa possível, não se deixando dominar pela indiferença, o que seria muito para lamentar nos tempos que vão correndo em que forças destruidoras trabalham sem descanso, às claras ou disfarçadamente, no sentido de orientar e arrastar seus filhos para piores caminhos.

No próximo número do jornal, estaremos convosco para vos falar — ASSOCIAÇÃO DE PAIS E SEUS OBJECTIVOS.

«Voz de Antas» agradece todas as transcrições que outros jornais têm feito dos seus artigos.

Paar se adquirir o mobiliário da Residência paroquial, foram contactadas duas dezenas de casas de especialidade e fábricas.

Sempre se conseguiu, após aturada pesquisa..., em castanho seco, e estilo D. João V. A paróquia optou — não quis sucata nem «francarias». E, num cortejo, que rondou os 200 contos, liquidou a despesa e ainda ficou com saldo positivo de alguns contos.

O Posto Médico abre às 8,30 horas da manhã. Os beneficiários são obrigados a apresentar o cartão da Caixa ou o recibo das cotas da Casa do Povo para marcação das consultas. A não apresentação destes documentos implica a não marcação das mesmas.

Todos os que queiram e necessitem de adquirir casa própria, deverão dirigir-se à Câmara Municipal onde lhes serão fornecidos os impressos-inquéritos e bem assim os esclarecimentos indispensáveis.

Testemunhas de Jeová

ORIGEM:

Esta seita religiosa teve a sua origem na América do Norte em 1872. Foi seu fundador um comerciante da cidade de PITTSBURG, de seu nome CHARLES RUSSEL. Apresentou-se como o «Enviado de Deus» e «o primeiro cristão a ter visão correcta dos mistérios de salvação».

Atribuiu a si mesmo a missão de «desmascarar as fraudes, os erros, os ensinamentos e as práticas das religiões antes estabelecidas».

Em 1878 fundou uma revista — «A torre de vigia de Sião e o arauto da presença de Cristo», que se transformou no guião dos seus cren-tes.

ALGUNS EPISÓDIOS DA VIDA DO SEU FUNDADOR:

Em 1906 divorciou-se da mulher por ser acusado de adultério com outras. Facto provado, teve de pagar, por

acórdão do tribunal, uma avultada quantia.

Por duas outras vezes foi condenado por negócios ilícitos: — uma por vender trigo a mais de mil escudos o alqueire. Este trigo intitula-va-o «Trigo milagroso — outra por falsas declarações no tribunal.

Não existe liberdade religiosa na Rússia

(Conclusão da 2.ª pág.)

tos. Breschnev, em 1959, pretendeu pôr fim à perseguição contra a Igreja. Com a Declaração de Helsínquia, pensou-se que na Rússia a liberdade religiosa acompanharia o reconhecimento dos direitos do homem. As esperanças porém, depressa se dissiparam.

Na cidade chinesa de Changsha foi executado um indivíduo por «mutilar» um jornal de parede anunciando a nomeação de Hua Kuo-Feng como presidente do partido comunista chinês.

Onde está a coerência dos que incendiaram a embaixada espanhola, protestando contra as condenações à morte em Madrid? Por que não protestam agora?

A esposa do sr. Presidente da República, D. Manuela Eanes, precisou de se deslocar a uma localidade beirã a fim de participar numa missa de sufrágio por um familiar. Utilizou para a viagem, diz o «Tempo», um automóvel do estado, mas fez questão de pagar a gasolina que foi gasta e exigiu o recibo comprovativo desse pagamento. Um belo exemplo para os que, dizendo servir aco munidade, dela se servem.

Portugal, que já exportou cimento em quantidades apreciáveis, gastou, desde Setembro de 1976, a quantia de cem mil escudos em divisas estrangeiras na importação desse produto. (Sic...)

Até fins de Março do ano passado, dos 34.835 nascimentos vivos registados em Portugal, 12.789 eram ilegítimos. Comparado com idêntico período de 1975 vê-se que o número de nados vivos baixou de 38.571 para 34.835 e que os filhos ilegítimos subiram de 2.490 para 12.789. Baixaram os nascimentos e aumentaram, passando de

6,49% para 36,71%, os filhos ilegítimos. A que outra situação poderia levar a onda de licenciosidade e pornografia, e certas campanhas de planejamento familiar?

Informou-nos um senhor metido nestes assuntos que a Embaixada da Rússia (e doutros países comunistas) instalados em Lisboa após o 25 de Abril, consta exclusivamente de comunistas dessas nações. É sabido que nas embaixadas dos países livres do mundo há empregados e até funcionários da própria nação em que se encontram. Estes países comunistas não! Trouzeram para Lisboa gente da terra deles para tudo: desde o embaixador ao cozinheiro. Mais, a Embaixada Russa até montou um supermercado próprio, que ela própria abastece, e se destina ao seu pessoal. Quase só lhes faltava trazer a cortina de ferro ou o muro da vergonha para Portugal.

Nova fuga do «paraíso» das «amplas liberdades» para o ocidente «repressivo» e «burguês»... Mas, desta feita, o acontecimento é de peso... Nem mais, nem menos, do que um colaborador íntimo de Lenin! O prof. Arnost Kolman combateu com o exército Vermelho, esteve três anos preso por causa de Estaline, tendo ocupado posições importantes no Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, na Comissão de Control de Moscovo, no Comité Regional de Moscovo do Partido, e na Academia das Ciências da União Soviética.

O prof. Kolman pediu asilo político à Suécia, tendo declarado publicamente: «A minha União Soviética não passa hoje de uma imensa prisão».

Esclarecimento

Administração
«Voz de Antas»

(Conclusão da 3.ª Pág.)

de enviar os novos endereços. Se o não fizerem, os jornais são devolvidos, e as despesas (inúteis) são avultadas.

— Rectifica, na coluna do jornal n.º 0. Fizeram Frente, António Viana da Cruz, 500\$00. Rectifica, traçando o nome de Laurentino Faria Rolo, no jornal n.º 1, por ser repetido.

— Os que pretendem pagar a assinatura anual, para si, ou para os seus amigos, deverão dirigir-se aos administradores de «Voz de Antas»:

José Cirito, em Guilheta, e David Vitorino, em Estrada.

SUCESSOR:

Foi sucedido na chefia da seita por RUTHERFORD.

Procurou seguir em parte os caminhos do mestre. A estrutura actual ficou-se-lhe a dever.

Em 1931 foi a seita baptizada com o nome por que hoje é conhecida: Testemunhas de Jeová.

Faleceu em 1942, tendo

(Conclui na 10.ª pág.)

Ecos do Emigrante!...

No rasto de uma viagem!...

Deixo meu testemunho. Simples. Pobre. Construtivo. Pinceladas soltas, de oito dias de contactos. Impressões subjectivas. Convivi ombro a ombro, cara a cara, com portugueses e franceses. Temperamentos diferentes.

A malta de cá, sim! Simples. Amável. Hospitaleira.

Neste tempo, alguém partiu... para a eternidade. Era uma mãe. Era da nossa comunidade. Sufragamos a sua alma. Consolamo-nos com a Esperança da Ressurreição.

Visitei algumas Igrejas. Frias. Nas paredes e na ausência dos cristãos franceses e portugueses.

Muita indeferência religiosa. Não há «passaporte» para ligiosa escassa. A juventude a religião? A frequência redispersa e distante. Desconheci a pastoral daquelas paróquias.

Na igreja de Jargeau, vivemos, em cheio, o nosso Cristianismo. Rezamos. Em coro e em silêncio. Entoamos cânticos, do nosso grupo coral. Vivemos. As lágrimas de saudade, da nossa igreja, da nossa terra, não se contiveram. Deslizaram, face abaixo. Alegria efusiva.

Calaram fundo as palavras da homilia:...

Família que reza unida, é família que permanece unida. Será grato e comovedor para a Senhora o espectáculo de um pai rodeado de sua esposa e de seus filhos, rezando o terço em família, que trás todas as bênçãos de Deus sobre uma casa.

Será embelezador aos olhos da Mãe, a cena de seus filhos emigrantes assistirem à missa dominical, conseguindo com o poder da oração, a UNIDADE e a PROSPERIDADE.

— Alegremo-nos quando nas fadigas do trabalho limpamos com a mão o suor do rosto; paremos uns momentos e elevemos o pensamento a N.ª Sr.ª dos Emigrantes e digamos-Lhe com um sorriso nos lábios que nos alentará: «— Mãe, teu divino Filho foi trabalhador! Ele é dos nossos!!!»

E a homilia terminou com um apelo:

— Emigrantes, cada momento da vida que se vai consumindo no palco da existência, cada gota de suor do vosso trabalho, seja como um bloco na grande construção deste mundo que Deus viu que era bom mas deixou-nos a nobre e sublime missão de o tornarmos melhor. E assim, colaboraremos com CRISTO na grande empresa da REDENÇÃO.

Ao fim, as instalações da Associação dos Portugueses

de Jargeau e S. Denis de L'Hotel, foram colocadas ao nosso dispor. Lado a lado. Vivemos. Bebemos. Ouvimos «boa» música. Trocamos impressões. Saudei a malta, vinda de Paris, Nemours, Lions, Orleans e de outros lados. A tarde, encontro-convívio final.

Chateau de La Brosse. (Se fosse em Portugal já teria sido expropriado...). A malta apareceu. Número incontável.

Cristianismo autêntico, é partilha de felicidade.

Partilhamos. Sentimos a Felicidade. Petiscamos. Não esquecemos o sorriso e o bom humor.

Nas dobras das nossas angustias e arrelias, problemas e preocupações, impusemos a Alegria e a Fraternidade.

Trocamos sorrisos, palavras amigas, gestos de carinho e delicadeza. Sentimo-nos «alguém». Gosto na vida. Dialogamos sobre a pastoral da nossa paróquia. «Voz de Antas», a voz do Emigrante. A juventude agrária, estudantil e operária católica de Antas (J. A. E. O. C. A.).

O tempo fez-se pouco. As distâncias grandes. Amanhã, é dia de trabalho.

Despedimo-nos, com saudade, e vontade de, em breve, nos encontrarmos.

Agradeço a vossa cordialidade. A vossa presença. A vossa amizade.

E com um gesto de viva amizade e sincero agradecimento, me despedi de vós.

Bem hajam!...

Comissões correspondentes

A fim de satisfazer o anseio do povo, de cá, de saber

Fizeram frente...

A nossa Igreja foi enriquecida com a aquisição de um órgão electrónico. Suaves melodias, acordes solenes e festivos enchem a nossa Igreja, dão vida à Liturgia, cantam pelos anos fora, as gotas de generosidade do Emigrante e de quantos com desprendimento fizeram frente. Com gratidão, registamos:

Arquitecto Noé Dinis da Silva — Porto	500\$00
António Fernandes Gomes — Belinho	500\$00
António Dias de Freitas — França	500\$00
António Afonso Vaz Saleiro — Azevedo	1 000\$00
António de Jesus Vilarinho — França	80 F
Amândio Afonso Sampaio (2.ª prestação) — França	200 F
Carlos Viana da Costa Cruz — Pereira	500\$00
Cândido Silva da Cunha — França	500\$00
Cândido Alves Pereira — Belinho	300\$00
Dr.ª Fernanda Viana — Porto	1 500\$00
David Novo — França	50 F
Domingos Xavier da Costa — Guilheta	300\$00
Eugénia Meira de Sá — Guilheta	500\$00
Fernanda Silva da Cunha — França	500\$00
Fernando M. Sampaio (2.ª prestação) — França	200 F

A paróquia agradecida.



notícias de França, organizaram-se livre e espontaneamente, comissões correspondentes, nos vários locais de trabalho. Assim:

Em Jargeau e S. Denis de L'Hotel e Eusullias: *Isabel e Lúcia Saleiro Sampaio, Albino Sampaio e António Agra.*

Orleans: *Joaquim e Horácio Laranjeira.*

Nemours: *Manuel Fernandes Lopes e Armando Matos Rolo.*

Lions:

Paris: *António e Manuel Viana da Cruz e Cândido Cunha.*

S. Benoit (Loiret): *P.e Jean Marcel.*

Da última hora

Uma carta do Armando, fazendo referência à visita do pároco a França. Referência optimista e positiva. Enviou estas duas quadras:

*Ó França comprida e larga
Cemitério dos Portugueses
Ó Nação dos sacrificios
Que se chora tantas vezes.*

*A Emigração não são rosas
Muitos pensam ser jardim
Eu sei bem o que se passa
Por tudo passar por mim.*

Em Orleans vão abrir as instalações para o Consulado Português.

C. C.

(Continua no próximo número)

CONTO

Quem mora naquele moinho

Dr. Adélio Torres Neiva

Eih! Ala, arriba, boi!

Meia noite! O carro chiava lentamente ao longo do caminho. O Zé da Fonte, tremendo latagão, em mangas de camisa, braços arregaçados, velha carapuça na cabeça, cara salpicada das bexigas onde dominava um majestoso nariz, apontando entre dois olhos estrábicos, seguia ao lado, vara de carvalho ao ombro, assobiando o hino da Maria da Fonte.

No céu pestanejavam miríades de estrelas e a dourada lua das noites de verão esparzia um luar melancólico que pousava de mansinho sobre os campos modorros e escorria por entre a folhagem do arvoredor, rendilhando no chão trémulas figurinhas. Perdidos na vastidão dos campos cantavam sapos, com o seu constante «clic-cloc», e ali perto, ouvia-se o zunir estridente dos ralos e o zangarreio das cigarras. Um ou outro latir de cão morria pelo silêncio do vale e de vez em quando um mocho agoureiro soltava ao luar um pio entrecortado e plangente.

E o carro lá seguia a chiar, pisando o caminho, que se esgueirava por entre duas alas de carvalhos, cujas folhas remorejavam mansamente. Tímido, vacilante, ao lado do carro da banda oposta ao moinho, ele avança... avança cautelosamente, olhos fixos na porta velha, calado, titubeante, a fim de não ser visto. E o carro vagaroso, chia estridentemente. No arvoredor que murmura, na água que canta, na brisa que suspira, na palidez do luar que a ribeira bebe, no lucinar das estrelas, no bulir discreto das ervas, em tudo ele vê um avantesma, por toda a parte ele parece ouvir berros, uivos, vozes sinistras. Sente falta de ar; um peso enorme pousa-lhe nas costas... e o carro afrouxa... afrouxa... pára mesmo em frente ao moinho.

— Eih! bozinho, arriba valente — segreda ele baixinho, quase ao ouvido do animal, não vão as feiticeiras ouvir.

Entrementes surge diante de si uma sombra branca, discreta, que se esquivava cosendo-se com a parede velha do moinho. Silêncio sepulcral! Cabelos crespos! O coração pára, os pulmões detêm-se, a voz sufoca-se na garganta, o carro estaçou! De chofre uma legião de fantasmas, vestidos de branco, arromba a porta do moinho e sai desordenadamente, a gritar, a berrar, a uivar, a assobiar, sustendo luzes na mão que dançam ao luar quais espectros sinistros, quais seres trágicos.

O bom Zé da Fonte, terço na mão, quase sem fala, envidraçado, fica preso ao chão, vítima do hipnotismo. E então uma voz trágica pavorosa, ecoou no espaço, apunhalando o coração do pobre velhote.

— Quem és tu?

— Eu sou... sou... o «Ti-Zé... da Fonte — gaguejava o inocente.

— Que queres, tu?

— Ó meus «sinhões».

deixem-me passar o carro.

— O carro não passará; Ó seu avarento sabes quem nós somos?

— Não meus «sinhões».

— Somos as feiticeiras piores do mundo, os diabos mais endiabrados do inferno.

E os diabos cascalharam uma gargalhada grosseira.

— Santa Justa! S. Simão! S. Jerónimo! Santa Maria das Leiras bichanava e Zé da Fonte.

— Olha: se queres passar, tens de pôr assim que chagares a casa duas broas de pão, à janela que dá para o mar, entendes? Prometes ou não?

— Prometo tudo «canto vomecês quijerem», mas deixem-me passar o carrinho.

— Pronto passarás, mas lembra-te do prometido.

E dito isto os fantasmas entraram desordenadamente no moinho, onde pouco depois cintilava uma luz!

E o carro despegou, virando pelo atalho, rasgado entre as searas. E o Zé da Fonte, aliviado por se ver livre desta aventura, lá seguiu ao lado do carro, pensando de si para consigo que nunca as feiticeiras haviam de comer um naco que fosse da broa do seu pão.

— E elas acreditaram... palermas. Ala, arriba

(continua na 8.ª pag.)



O povo marcou presença... Com seu entusiasmo e com as suas dádivas...

CORRÊA

(obras paroquiais —

UM ÊXITO

«Não há memória tão rico e tão variado quano de 85 anos»

A MEMÓRIA DOS MORTOS É A GRATIDÃO DOS VIVOS

JOSÉ GONÇALO DA CUNHA SOTTOMAYOR CORRÊA D'OLIVEIRA, nasceu na Quinta de Belinho em 16 de Março de 1921 filho da Senhora Dona Maria Adelaide da Cunha Sottomayor e do Poeta António Correia de Oliveira. Foi o 12.º senhor da Quinta de Belinho, representante legítimo e directo do vínculo fundado por seu 10.º avô, Paulo da Cunha Sottomayor há 365 anos.

Fez os seus primeiros estudos em Esposende e seguiu o curso dos Liceus no Colégio de Belinho que sua mãe fundara. Em Lisboa frequentou a Faculdade de Direito onde em 1944 concluiu a licenciatura em Ciências Jurídicas.

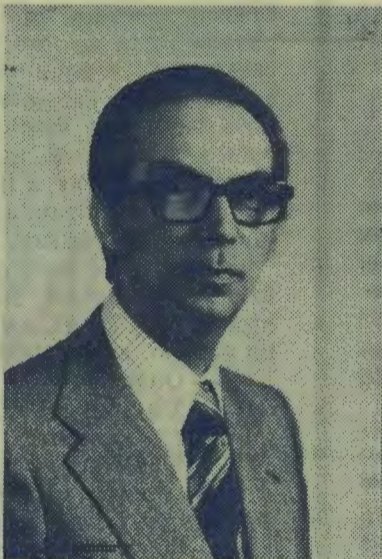
Em 1945 entrou para o Conselho Técnico Corporativo onde iniciou a sua especialidade em assuntos económicos, como técnico da 2.ª classe.

Começava assim uma carreira pública que duraria 24 anos, 14 dos quais como membro do Governo.

Obteve neste organismo sucessivas promoções por mérito, sendo nomeado em 1949 Director Geral do Ministério da Economia, assumindo a chefia do organismo para que entrara 3 anos antes. Foi então o mais jovem Director Geral da Administração Pública Portuguesa. Em 1953 foi designado Procurador à Câmara Corporativa como representante dos

interesses públicos de ordem económica e financeira.

Foi membro do Governo de 1955 a 1969 tendo desempenhado sucessivamente os cargos de Subsecretário de Estado do Orçamento, Secretário



Corrêa d'Oliveira

de Estado do Comércio, Ministro de Estado e Ministro da Economia.

Durante o tempo em que exerceu funções no Governo, concebeu o esquema, e dirigiu o grupo de peritos que estudaram os diplomas que criaram a livre circulação de pessoas, mercadorias e bens no espaço português; o sistema de compensação e de liquidação das transacções comerciais entre os territórios nacionais. Foi também da sua responsabilidade a remodelação da Lei do Condicionamento Industrial, tendo em vista não só a redução daquele condicionamento a casos especiais como a criação de dois tipos de condicionante — um à escala de todo o espaço geo-económico português, outro ao nível de cada território. Chefiou também a equipa que estudou e or-

ganizou o «Plano Intercalar de Fomento».

No plano externo encetou a sua actividade em 1947 como membro da Delegação Portuguesa na F. A. O. em Roma. A partir de 1945 fez — em representação do ministério da Economia — parte em todas as negociações para o restabelecimento das relações comerciais bilaterais interrompidas, por força da guerra entre Portugal e os demais países europeus.

A partir de 1947 iniciou a sua especialização no campo da cooperação económica tendo feito parte desde o primeiro dia da Delegação portuguesa à Conferência de Paris

(Conclui na 10.ª pág.)

O poeta e a sua obra

1. A VIDA

António Correia de Oliveira viu a luz do dia nas terras de S. Pedro do Sul (Beira). Quando tinha doze anos perdeu o pai, o Dr. José Correia de Oliveira, que por diversas vezes se sentara no Parlamento. Por insinuações de um tio sacerdote chegou a matricular-se no Seminário de Viseu que abandonou por não sentir vocação para o estado eclesiástico. Assim, não aprendeu em nenhuma escola e isto talvez tenha contribuído para encher a sua alma de poeta com as lições esplendorosas que Deus escreveu com letras de esmeralda na paisagem idílica que lhe serviu de berço.

Muito novo ainda, encaminhou os seus passos para a capital. Se a natureza fora em S. Pedro do Sul a sua escola secundária, Lisboa iria ser a sua Universidade. Trabalhou durante seis meses no Diário Ilustrado, sendo depois colocado como amanuense na Procuradoria Geral da Coroa pelo seu grande amigo e protector António Cândido. Aí se manteve até 1910.

Espírito cheio de curiosidade, contactou com as correntes literárias do fim do século em tertúlias de amigos.

Os seus primeiros versos sem espantarem pela originalidade faziam já adivinhar nele um poeta de ima-

ginação ardente e de grande futuro. Em 1908 foi admitido na Academia das Ciências, em 1909 na Academia Brasileira de Letras.

(Conclusão da 11.ª pág.)

— Sim. Foi verdade! O cortejo para as obras paroquiais — o nosso interesse, foi extraordinário. Ultrapassou, de longe, todas as perspectivas. Ninguém previa. Foi, deveras, um êxito consumado. A data ficou célebre: 9 de Janeiro de 1977. O dia risonho. Primavera. Convitativo. Tarde solar.

A semana foi de azáfama. Os tractores em circulação contínua. Homens e rapazes, machados ao ombro com garrações pendurados. Moto-serras, na mão esquerda. E lá, iam, iam por esses montes, fora. Atravessaram a ponte do «Grilo». Meteram-se em becos difíceis. Lugares distantes. Arrastaram os rolos de pinho.

Trabalho intenso e persistente! Bravos e valentes, aqueles homens e rapazes (...) De todas as idades. De todos os lugares. Os novos burgueses (de café) até ficaram «parvos»!

O plenário da Pereira resultou. Poucos, mas bons. Ao calor duma fogueira e ao som

Oração

— Avé, Maria! Estrela matutina,
Porta do Céu, Jardim Fechado: ó pura,
E delicada e angélica menina!

Cheia de graça! Tímita brandura
Mais forte do que o sol e a neve linda
Que nem o sol derrete a arder na altura!

Ê contigo o Senhor! Ele há-de, ainda,
— Pois foi castigo, — ser perdão também:
O Pai nos dá seu Filho... E a hora é vinda.

Bendita és tu, entre as mulheres. — Mãe:
Bendito o Fruto do teu ventre, agora,
E por todo o sempre, e por Jesus. Amen.

António Correia de Oliveira
«Verbo Ser e Verbo Amar»

O Primeiro Filho

Numa casa entre o arvoredor,
Como pombas num pombal,
Vivia um par, um casal,
Alegre, em paz e sem medo.

Erguidos de manhã cedo,
Trabalhava cada qual.
Dela... era a casa, o bragal;
Dele... o pinhal e o vinhedo.

Eram dois. Mas vai, um dia,
Foi por ali a Alegria,
Que passa de quando em vez.

Parou; entrou... não sei bem!
Ouviu-se a palavra «Mãe»...
Eram dois, ficaram três.

António Correia de Oliveira

TEJO

(o nosso interesse)

CONSUMADO

... de se realizar um cortejo
ado!» (Desabafo de um paro-



A residência paroquial tem sempre as portas abertas para acolher... todos os paroquianos ...

de festa, desafiaram a noite de sábado...

Em toda a freguesia, mulheres e raparigas apartaram «chinhos», coelhos, aves, leitões, etc. Cozinharam bons petiscos. Prepararam os frangos. Ornamentaram os taboieiros. Pesaram os cereais. A batata, as cebolas, os alhos, etc. Revestiram os «guarda-chuvas» e engalênaram os carros, com dinheiro. A freguesia em movimento! Nem sei... Só visto!!!

— No domingo, comparência maciça de todo o Povo. Visitantes de toda a parte. Gente que nunca vi. Admirados, diziam: — isto é fantástico!!! Todo o recinto do adro, da Deveza era pequeno para estacionar inúmeros carros e comportar tão grande afluência de povo.

O «engarrafamento» do trânsito foi imprevisto.

As fotos comprovam esta indesmentível realidade.

O Senhor Arcebispo Primaz veio até nós. Honrou-nos com a sua visita. Agradecemos a amabilidade do seu gesto. A nossa Alegria foi grande. Viu, observou e comentou: ESTE POVO, SIM. SEMPRE UM POVO BOM. UNIDO. AUTENTICAMENTE CRISTÃO!

Estas palavras emocionaram-me. Encheram-me de coragem. Pensei: — Vale a pena! vale a pena consumir uma vida ao serviço deste povo em marcha para Deus!

Visitaram o centro paroquial, o cemitério, a Igreja (o presépio), a casa da paróquia, Dia de festa. Alegria e convívio. Os «mantimentos» e bebidas do BAR, na sala de convívio, esgotaram-se. Ficou vazio! Largos contos se movimentaram. Enfim, um dia em cheio.

O dia chegou ao fim. Metade do cortejo, ficou por rematar. Era tanta e tanta a gama de coisas!

Impossível fazê-lo numa tarde! Ficou para o domingo seguinte. Tem graça, até uma «jinga», lá, apareceu, para leitão. E deu «bom» dinheiro...

Sempre me convenci de que muito pode quem muito quer.

Demos provas de que cada vez mais: TUDO DEPENDE-RÁ DE TODOS.

A nossa alegria foi grande. A união forte. A escassa meia dúzia que livremente optou pela abstenção, para o próximo cotejo, não ficará triste porque vai colaborar connosco. Então sentirá na própria pele, a força daquele slogan: É dando que se recebe...

Encorajaram-me as pala-

(Conclusão da 11.ª pág.)

Esperança na Catequese...

Conscientes da importância da Catequese para a vitalidade duma paróquia, Antas, pela voz do seu pároco, pediu ao Secretariado um Curso para Catequistas. Este Curso realizou-se porque toda a paróquia tem consciência de que no seu seio há pessoas capazes de se dedicar a uma Educação na Fé dos filhos da mesma terra, e há pessoas à altura de uma Catequese bem feita, não só pela capacidade de estudo que têm, mas, e sobretudo, pelo exemplo de vida cristã que levam.

Foi o que pude verificar naquelas três dezenas de pessoas que comigo procuraram caminhar em quinze dias de Curso.

O futuro desta Catequese dependerá do apreço que lhe dispensará toda a paróquia. Se todos viverem empenhados em construir, se os catequistas se sentirem apoiados terão toda a coragem necessária para o trabalho e dedicação que a Catequese lhes exige. Em contrapartida, quando testemunharem a falta de interesse e apreço, especialmente por parte dos pais, irão, certamente, fazer a pergunta: quem terá obrigação de educar os filhos, nós ou os pais? Se os pais não concordam com a educação que fazemos, que a façam melhor, já que são os primeiros responsáveis por essa educação.

Pais, toda a crítica negativa que fizerdes aos catequistas dos vossos filhos terá como consequência um progressivo enfraquecimento da Catequese e do cristianismo na vossa terra. Ajudai-os, sim, a ser melhores catequistas com o entusiasmo e apoio que

lhes dais, com o apreço e gratidão que lhes devotais.

Realizou-se um Curso para que se consiga uma melhor Catequese. Sabem que a grande finalidade da Catequese é levar as crianças a uma vida cristã, a uma vida de amizade com as Pessoas divinas através das ocupações do dia-a-dia. Esta vida cristã, nas crianças, é praticamente impossível sem o exemplo dos adultos. As crianças acreditam nos adultos e tentam imitá-los. Se na Catequese se diz à criança que deve comungar para se sentir mais unida a Jesus, ela irá comungar, e terá gosto por isso, se vir que os adultos, e sobretudo o seu pai e a sua mãe, também se aproximam da Comunhão. Se na Catequese lhe dizemos que se deve esforçar por ser amiga dos outros porque Jesus o quer, ela imitará os adultos e esforça-se-á por o ser, se sentir que o pai é amigo da mãe e que estes são amigos dos vizinhos. Se na Catequese se diz que a criança, para mostrar que é amiga de Jesus, deve procurar falar com Ele muitas vezes, ela adquirirá um hábito de Oração se vir que em sua casa os adultos rezam e que, quando rezam, estão realmente a falar com Deus e não a fazer ou a pensar noutras coisas.

Podem crer que será esta a melhor maneira de ajudar os catequistas na sua difícil tarefa de educadores, já que estão a contribuir para que as crianças tenham verdadeira vida de oração e uma vida cristã cada vez mais perfeita.

Assim poderei dizer que o

(Conclusão da 11.ª pág.)



A tradição do presépio continua viva na paróquia...

Quem mora naquele moínho

(continuação da 5.ª pág.)

boi. — ia dizendo o Zé da Fonte mais valente e admirado da sua esperteza.

Quem eram os fantasmas? Se bem conhecem o Zé da Fonte, sabem muito bem que ele é o homem mais avarento da aldeia e em pão dele não há pobre que lhe ponha o dente. Uma matula de rapazolas da aldeia, a fim de lhe dar um ensaio e de lhe pregar um susto, embrulharam-se em lençois e foram-no esperar àquele moínho de má fama, onde a eficácia da aventura seria certa.

— Ó Ernestina, Ernestina, ó Ernestina! — berava o lavrador ao portal do seu quinteiro, cujo eco as quebradas repercutiam.

— ?... — O casebre dormia, banhado pelo luar, mudo, sózinho e triste.

— Ó diabo de Ernestina, ó mulher! Ó Ernestina!...

— Quem «stá» aí? — ecoou ao longe uma leve voz quase em surdina.

— P... (e vociferou uma praga) Quem há-de ser? Sou eu, oh! Parece que estás no fundo do inferno! Anda abrir o portal pasmada... Ó Ernestina! Raça da mulher!

— Está alguém? ecoou uma voz ainda mais perto.

— «Inda pròguntas»? Não sabes que sou eu? Anda abrir o portal. E nisto a vidraça duma janela abriu-se cautelosamente, sem um ruído, deixando espreitar o clarão dum lume cujo crepitar se ouvia cá fora?

— Está aí alguém?

— «Inda vens à Jinela», diabo de mulher! Abre depressa o porta, chata.

— Ah! És tu Zé? Domoraste tanto; vou já abrir.

A janela fechou-se; e pouco depois uma velhinha, cara chupada, sulcada de rugas, sumida numa imensa saia duma imensa roda, lampião na mão, descia os dois degraus das ecadas e desentrancava o portal ao marido.

— Se «sabesses» o que me aconteceu, «Nestina»?!

— Que foi «home»?

— Descanga o gado, mete-o no eido e depois falamos. E desapareceu abrindo a porta da «baiuca». Sobre a borralheira, flamejavam algumas canhotas, lambendo um tacho de ferro, onde rechinavam duas sardinhas. Ao lado, ronronava um gato encolhido. Em cima, pendurado no tecto um pau com algumas chouriças negras enfiadas, e ao lado pendia uma bexiga de porco defumada e amarela. Uma banca velha, um pote coxo, uma panela arrombada, um candieiro meio espatifado e um louceiro velho, era toda a mobília que o lume deixava discernir. O Zé acendeu o cigarro com uma palha, deu alguns passos maquinalmente, encontrou-se junto da janela! Lá em baixo, o mar, raiado de prata, marmulhava surdamente! Pela estrada branca, alvejando entre a negrura dos pinhais qua a ladeavam fugia um automóvel a businar, cuja luzinha, esperta, marota, ora espreitava por entre os abetos ora se escondia, brincando às escondidas, caçoando com o velho lavrador! E lá para o norte apitava o combóio: lá para o sul, roncava, ao longe, o farol de Esposende. No céu azul, a lua olhava-o, melancólica e as próprias estrelas espiavam-no, caladas, a sorrir. Naquele momento S. Paio de Antas era lindo; o quadro era romântico!

E o velhote ia resmungando: — Sim, as «isque-mungadas» das feiticeiras, estafermas, p...

— «Atão» home de Deus, que te aconteceu? —

— Interrompeu a velha.

— Olha «Nestina», ia a passar à beira do moínho do Artilheiro.

— Santo nome de «Jasus» por onde tu «fostes»!!!

— E «bai» aparecem-me «p'ra riba» de cem feiticeiras vestidas de branco e obrigaram-me a parar o carro.

— Santíssimo Sacramento!!! e tu não morrestes com o «sofêco»?

— Cala-te. Bem sabes que não tenho medo a nada; e «bai as isquemungadas» obrigaram-me a pôr a esta janela antes de me deitar duas broas de pão. Mas não se põe nem uma «coda»

— Ó «home» se elas to mandaram põe por alma da tua «avó»!

— Somos muito ricos? Nmo se põe «nem code», «oubes»?

— Mas ò «homesinho»...

— Somos muito ricos? Não se põe «nem code»,

(Conclui na 9.ª pág.)

OBRAS PAROQUIAIS

— O NOSSO INTERESSE!

Por mais tinta que se gastasse ou referências que se fizessem, não seria exagero afirmar — as obras paroquiais são o — nosso interesse. Nós, estamos capacitados de que contribuir para o nosso interesse — obras paroquiais, nada agrava o orçamento familiar. Já o dissemos. Muitas vezes o comprovamos. Quem duvidar, poderá vir até nós visitar todo o complexo da Fábrica da Igreja.

Em poucos meses somamos um enriquecimento do Benefício da nossa Igreja, em milhares de contos. Somaremos seiscentos contos de receita. Estimaremos a mão da obra, aos sábados e noites, em centenas de contos. Avaliaremos o lote (grande) para o Pavilhão — Centro Gimno-desportivo. Não esquecemos as várias dádivas com que foi equipado o centro paroquial e cave da residência paroquial. Ainda aguardamos que venham os 300 bancos para a catequese — já prometidos e garantidos. Os «entendidos» podem dizer qualquer coisa...

De tudo isto devemos salientar que «nunca» se fez nem um peditório! Ocasionalmente os «motivos» de cada um contribuir livremente. Mas nós, quisemos... porque a nossa Liberdade é Responsável.

(Conclui na 9.ª pág.)

A falta de respeito pela vida

A vida é o primeiro e o mais alto valor que o homem é obrigado a conservar, desenvolver e respeitar em si e nos outros. Um dos sintomas mais graves da desumanização do mundo de hoje é, ao contrário, a cada vez maior falta de respeito pela vida.

Os eniciclios a aumentar cada vez mais e sobretudo entre os mais novos e os anciãos, isto é, nas classes mais sujeitas à incompreensão e à solidão; a facilidade com que muitos se dispõem a matar o próximo para o roubar, por dissensões ideológicas ou também por motivos absolutamente fúteis (uma desabença entre automobilistas, uma brincadeira não aceite, uma frase ofensiva); a não observância das leis de segurança no trabalho; a desconsideração de quem em risco da própria vida e da dos outros, conduzindo loucamente o automóvel ou praticando desportos violentos e desumanos; os casos sempre na ordem do dia, de aborto, de infanticídio, de entanásia são as provas mais cabais de que hoje se peca muito contra a vida.

Por egoísmo, por leviandade, por interesse, por falta sobretudo daquele amor e daquela solidariedade que propriamente dão sentido à própria existência humana e que ninguém pode nem deve fingir que ignora.

Frente solidária 'Voz de Antas'

É curioso. Iniciamos a campanha — Frente Solidária «Voz de Antas». É consolador salientar que todos têm recebido com simpatia e lido com agrado a nossa voz. É com gratidão que nos dirigimos a estes que, aqui, mencionamos:

Abel Alves Rolo Viana — França	100\$00
Adelaide Marques de Sousa	75\$00
Adélio Cruz — França	200\$00
Adriano Alves Arezes	100\$00
P.e Agostinho Alves da Silva — Vila Mou	100\$00
Alberto Pereira Ribeiro	100\$00
Albino de Azevedo e Sá	100\$00
Albino Sampaio — França	140\$00
Alda Maria de Azevedo — Porto	100\$00
Alice Gonçalves Pereira	75\$00
Anselmo Faria Viana — Forjães	100\$00
Anselmo Saleiro Viana	75\$00
António Alves da Cunha	77\$50
António Afonso Vaz Saleiro	75\$00
António Agra — França	350\$00
António Barros — França	100\$00
António de Barros Gonçalves	95\$00
António Dias de Freitas — França	95\$00
António Fernandes Gomes	75\$00
António Gonçalves da Torre	100\$00
António de Jesus Vilarinho — França	140\$00
António José de Faria Martins Vitorino — Porto	100\$00
António Marques Pisco	100\$00
António Vicente Pereira — Castelo do Neiva	100\$00
Armando da Costa Azevedo — Argentina	500\$00
Augusta Faria da Costa	100\$00
Cândida Gonçalves Pereira	75\$00
Cândido Alves Pereira	75\$00
Carolina Alves Moreira	75\$00
Casa de Belinho	500\$00
César Augusto Meira Rolo — Luxemburgo	100\$00
Clara Alves da Cruz Viana	75\$00
David Ferreira da Silva	75\$00
Domingos Alves da Cruz Azenha	100\$00
Domingos Alves da Cunha	75\$00
Domingos de Azevedo e Sá — Lisboa	75\$00
Domingos de Azevedo Saleiro — Porto	100\$00
Domingos Dias Vitorino	100\$00
Domingos Igreja	75\$00
Domingos Martins Ledo	75\$00
Domingos Meira Rolo	80\$00
Eduardo da Cruz — França	200\$00
Emílio da Cruz Neiva	100\$00
Emílio Meira da Cruz Saleiro	75\$00
P.e Ernesto Neiva	160\$00
Fernanda Silva da Cunha — França	100\$00
Fernando Sá da Torre — França	100\$00
Florianos Pereira de Barros	100\$00
Hilário Meira da Cruz	100\$00
Irmã Inês Faria da Cruz	100\$00
João da Costa Matos	75\$00
Jorge Dias	75\$00
José Alves	75\$00
José Alves da Cruz	100\$00
José de Brito Ferreira — Vila Mou	100\$00
José Dias Ferreira	75\$00
José Ferreira de Gregório — França	100\$00
José Ferreira Rodrigues	100\$00
José Gonçalves Laranjeira	100\$00
José Ísirió Eiras de Meira Torres	75\$00
José Joaquim Azevedo	80\$00
José Joaquim Durães Moreira	100\$00
Eng.º José Joaquim Ferreira da Cruz — Carcavelos	200\$00
José Maria Alves Pereira — Belinho	80\$00
José Meira da Cruz	100\$00
José Narciso Novo — França	100\$00
José de Sá	100\$00
José Viana Caramalho — Apúlia	100\$00
José Xavier da Costa	100\$00
Justina Alves da Cruz	75\$00
Justina Viana da Cunha	80\$00
Laurinda Alves de Carvalho	80\$00
Lúcia Penteado — França	350\$00
Madame Pereira — França	200\$00
Madame Salgueiro — França	100\$00
Manuel Alves Caseiro — Belinho	75\$00
Manuel Alves Caseiro — Lisboa	100\$00
Manuel Afonso Vaz Saleiro — Alvarães	100\$00
Manuel Augusto Lima Rolo — França	100\$00
Manuel Augusto Neiva Meira da Cruz — França	100\$00
Manuel Augusto Neves Ferreira — Palmeira	500\$00
Manuel Augusto Viana Meira Torres	75\$00
Manuel Augusto Viana Meira Torres	75\$00
Manuel de Azevedo Faria — Argentina	150\$00
Manuel de Azevedo Sá	75\$00
Manuel de Azevedo Viana	75\$00
Manuel Cândido Meira da Cruz	75\$00

(Conclusão da 8.ª pág.)

Clubes Agrícolas — Um velho tema, sempre actual

Por natural deformação profissional, seria lógico e até sentiria tendência para vir ocupar as colunas do nosso jornal abordando temas vinícolas. Nunca é tarde e é de crer mesmo que o venha fazer mais tarde.

Para agora, entendi dever vir abordar um tema que, nada tendo de novo, é, infelizmente, muito pouco conhecido da nossa gente do campo. Por outro lado, na contingência actual do nosso país, em que tantos tentam destruir e tão poucos construir, o trazer uma achega e pô-la à consideração dos Lavradores que possuem ou amanhã terras e tem filhos a quem incumbe dar um destino, parece-me critério defensável.

A tendência natural do nosso rural (que aliás compreendemos e até partilháramos se o nosso destino fosse o deles), é a de encorajarem os filhos a emigrarem para países onde a mão de obra é mais valorizada, e, vá lá, onde, em relativamente pouco tempo, conseguem amealhar um pecúlio que, na faina nacional, dificilmente ou jamais atingiriam.

Longe de pretender criticar, antes admirando todos esses lutadores que, por esse mundo fora, demonstram o que valem os trabalhadores portugueses, tão apreciados e desejados, pretendo apenas lembrar aos nossos conterrâneos de que as facilidades de que até agora disfrutaram nos mercados de mão de obra estrangeira, tendem a diminuir e talvez até mesmo a extinguirem-se e que, por outro lado, o nosso torrão pátrio oferece ainda muitas possibilidades de sustentação para muitos de nós, desde que nos dispunhamos a trabalhar cá dentro com o mesmo entusiasmo com que se trabalha lá fora e desde que saibamos aproveitar melhor o que o terra nos oferece.

O segredo é simples e está à vista; o que, em primeiro lugar, se torna absolutamente necessário é o conseguir-se uma profunda e verdadeira competência profissional que, pondo à nossa disposição as melhores e mais actualizadas técnicas, permita tirar o maior proveito das nossas terras e, bem assim, das indústrias ligadas à sua exploração; em segundo plano, importa tornar as explorações bem dimensionadas e dispondo de áreas capazes de tornar economicamente possível qualquer exploração.

Por conveniência de exposição seja-nos permitido inverter os termos acima referenciados e, assim, ocupar-nos-emos, em primeiro lugar, da dimensão da propriedade. Embora no campo imaginativo, a ideia do emparcelamento tenha cativado alguns responsáveis e outros tantos entusiastas do problema agrícola nacional, sempre fomos dos que duvidamos da realidade de sua efectivação. Os factos tem demonstrado que tínhamos razão.

A única forma que antevemos poderá vir a trazer uma substancial ajuda a tal momentoso problema será, a nosso ver, a da *cooperação*. Dificil, sem dúvida e exigindo da parte dos pretensos cooperadores um grande e profundo espírito de doação, e até, dentro de certos limites, de isenção, consideramos este o único caminho que poderá conduzir a nossa Lavoura a um nível económico satisfatório.

O problema da *dimensão* é, pois, um ponto básico da questão e o *cooperativismo* a maneira real de atingir esse fim.

O outro ponto de tão magno problema nacional, será o da *competência* e conhecimentos profissionais dos nossos rurais. Ensinar e transmitir conhecimentos básicos à geração que actualmente cultiva a terra, seria obra de elevado interesse e do elevado mérito. Porém e sem querer afastar tão altruística hipótese, penso que o que se torna um factor mais decisivo, seria o de pensarmos desde já na valorização da nossa juventude, começando, sem perda de tempo, para o encaminhamento imediato dos nossos rapazes e raparigas em idade pré-escolar o escolar para uma perfeita valorização profissional.

Por outras palavras, importa criar profissionais «qualificados» conscientes da missão elevada que lhes caberá cumprir no futuro. E a justificar esta nossa maneira de ver, recordemos o sábio provérbio popular: — «De

pequenino é que se torce o pepino».

Não pretendo ter aqui algum mérito de vir levantar este problema. É um tema velho, muito batido e estafado. Não deixa, contudo, de continuar a ser verdadeiro e actual e apenas falta encontrar um caminho eficiente, fácil e relativamente exequível para se atingir, pelo menos em parte, a finalidade em vista.

Aliás, a ideia que me salta na mente, foi já pensada e extraordinariamente realizada na sua perfeita originalidade, por esse Apostólico impar que foi o saudoso Padre Américo, através de toda a sua OBRA do GAIATO. É um exemplo vivo, real, perfeito e apaixonante do que por todo esse mundo se faz sob o lema «CLUBES AGRÍCOLAS».

A directriz tantas vezes preconizada e apregoada da criação de Escolas Agrárias dispersas pelo país, longe de poder ser considerada inoperante, é contudo de difícil e imediata execução, se ponderarmos o lado económico e o da dificuldade de dispormos de profissionais competentes e em número suficiente para se ocuparem de um ensino tão disperso e tão extenso e que require uma sensibilidade especial para ser proficentemente ministrado.

Foi exactamente, pensando tantas vezes neste magno problema nacional, que, ao tomar conhecimento (já lá vão quase duas dezenas de anos...) da forma como o problema foi encarado em alguns países mais evoluídos, com primazia nos Estados Unidos da América, seguido pelo Brasil e muitos outros, logo pensei quanto o sistema poderia interessar ao nosso meio rural. Ocupações mais prementes fizeram desviar então a

minha atenção de divulgar tão curiosa solução. Assim foram decorrendo os anos, sem que a profunda impressão que aquele sistema imprimiu na minha memória, se tivesse desvanecido.

Pedem-me, agora, que colabore no Jornal paroquial, renascido das cinzas que ficaram após a morte do nosso querido Reitor e Amigo P.e Apolinário. Pelos laços sentimentais que me ligam à Freguesia de Antas não poderia esquivar-me (apesar de reconhecer que a idade já vai avançada e que o tempo disponível é escasso) a colaborar na iniciativa em boa hora retomada pela nossa actual Reitor. E assim, julguei que, embora com lamentável atraso, nunca seria tarde para vos falar da solução acima referida e que intitulei os Clubes Agrícolas.

Por hoje e porque esta primeira colaboração me foi pedida um pouco em cima da hora, não poderei ir mais longe, reservarei, pois, para uma próxima conversa a nível paroquial, a explanação de tão apaixonante assunto. Oxalá ele viesse despertar na Freguesia alguns entusiastas dispostos a experimentarem a solução preconizada.

Apenas e para findar: — Se tal se vier a concretizar, oferecerei, dentro do possível, os meus fracos préstimos profissionais para colaborar na efectivação de tão promitente empresa, em favor do futuro da nossa Juventude e da nossa Agricultura, sempre tão desamparada e acusada de rotineira, quando o que ela precisa é de auxílios crederiosos, válidos e persistentes.

(continua no próximo número)
En. Azevedo

A memória dos mortos, é a gratidão dos vivos

(Conclusão da 6.ª pág.)

que estudou a recuperação da Europa saída da guerra e o melhor aproveitamento do plano Marshall.

Trabalhou desde a primeira hora nos vários comités da O. E. C. E. — organização resultante da Conferência de Paris — primeiro como técnico económico-financeiro e depois como Chefe da Delegação Portuguesa, no Conselho de Ministros daquela organização. Ainda na O. E. C. E. desempenhou os mais altos cargos a título pessoal. Fez parte do grupo restrito de Ministros que transformou a antiga O. E. C. E. na actual O. C. D. E. (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento) tendo assinado esse tratado em nome de Portugal em 14 de Dezembro de 1960.

Foi eleito, a título pessoal, presidente da O. C. D. E. para o ano de 1967.

Chefiou a Delegação Portuguesa que negociou a Convenção de Stockholm que criou a E. F. T. A. (Associação Europeia de Comércio Livre) e na qual Portugal além de membro fundador obteve benefícios ímpares.

Também nesta organização desempenhou os mais altos cargos entre eles o de Presidente.

Dirigiu a Delegação portuguesa às negociações que levaram Portugal a participar como parte contratante no Acordo Geral sobre Comércio e Direitos Aduaneiros — G. A. A. T.

Iniciou os contactos com a C. E. E. (Comunidade Económica Europeia) com vista à participação de Portugal naquela organização.

Logo que iniciou a sua vida privada na Banca nacional foi eleito membro do Instituto Internacional de Estudos Bancários.

Tendo abandonado a sua carreira pública em Março de 1969 encetou nesse mesmo ano a sua vida de trabalho na vida privada assumindo a presidência do Conselho de Administração do Banco Fonecas & Burnay cargo que exerceu até Julho de 1974.

Foi também Membro do Conselho Nacional de Crédito em representação da Banca Privada.

Por inerência foi membro do Conselho de Administração da Companhia dos Diamantes de Angola e por escolha e a título pessoal, Vice-

-Presidente dessa mesma Companhia. Foi presidente da Comissão de Recursos Financeiros do IV Plano de Fomento.

Os acontecimentos político-sociais que abalaram Portugal após o 25 de Abril obrigaram-no a abandonar o seu país e procurar trabalho longe da Pátria. Viveu em França desde o princípio de 1975 tendo colaborado como Conselheiro económico-financeiro com várias empresas e grupos financeiros.

Foi condecorado com dez Grã-cruzes, entre as quais se destaca a

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

(Conclusão da 4.ª Pág.)

deixados também muitos escritos.

FINALIDADE DA SEITA

Campanha organizada contra todas as religiões e governos estabelecidos. Sobretudo uma campanha contra a fé e a moral cristãs, embora se diga uma religião bíblica.

PRINCÍPIOS DOUTRINAIS:

— Cristo não é Deus.

— O Espírito Santo não é uma Pessoa Divina.

— Em Deus não há Trindade.

— Cristo não ressuscitou como homem: a sua existência humana terminou na estaca (nome pelo qual designam a cruz).

— O homem não tem alma espiritual. A alma é o sangue, por isso quando morre o corpo morre também a alma.

— O céu é só para 144.000 pessoas, os felizes que formam a classe dominante da seita.

Os outros membros têm de se contentar com o «Paraíso» da «Nova Terra» o qual durará só mil anos.

Talvés seja por isso mesmo que os vemos tão entu-

Juventude agrária estudantil, operária católica de Antas

— JAEOCA

Já o dissemos: é uma cons-telação jovem. Com a luz da Igreja quer avançar na rota do Futuro. O Amanhã. Sabemos: a juventude é coqueira do passado.

Reuniu-se, em 2 de Janeiro, domingo. Duas horas com 10 minutos de intervalo. Centro paroquial, salão recreativo. Elegemos os nossos responsáveis. Tomamos conhecimento da Direcção. O presidente (nato), o pároco.

Este escolherá dois jovens da sua confiança para fazer parte da Direcção. Apesar dessa faculdade lhe assistir, sondou a malta. E fomos unânimes em sugerir a Bett Ribeiro para secretária e o Ribeiro (escriturário da Quinta) para Tesoureiro. E pronto, ficamos com a Direcção composta por:

Presidente — P.e Manuel de Brito Ferreira.

Secretário — Maria Elisabet Saleiro.

Tesoureiro — Manuel Faria (Ribeirinho).

Mas para ficar com o encargo de responsável de sector era preciso alguém que reunisse as qualidades que se exigem a um líder, para dar vida e dinamismo ao sector de actividade. E pronto, elegemos. O responsável, já se vê, é o responsável, mas não vai fazer tudo. Vai levar os outros (interessados) a fazer. E precisa de um vice-responsável para que, no caso de faltar, o sector não pare! E assim, foi!

Cada responsável, escolheu um colaborador imediato da sua confiança.

E assim ficou o elenco de responsáveis:

— Sector de Liturgia — Isabel Torres.

— » » Iniciação musical — António Casado Neiva (organista).

— » » Cultura — António Rolo.

— » » Desportivo — Cândido Laranjeira.

— » » Cinema — Manuel Neiva e Zeca Saleiro.

— » » Teatral — Gonçalo Bacerlar.

— » » Passeios — Benedito Meira.

— » » Costura — Manuela.

— » » Enfermagem — Adelino Meira.

— » » Culinária — Maria de Jesus Vitorino.

— » » Civismo (Economia doméstica) — Goret-Viana.

— » » Actividades Livres — Mário Saleiro.

— » » Dinamização Pastoral — Adília Neiva e Manuel Pires.

E pronto, assim, organizados, vamos trabalhar.

Lembramos, que todos podem enfileirar connosco.

Podem ser sócios contribuintes, com 7\$50 mensais. Bastará dar o nome à Direcção ou a qualquer um dos responsáveis do sector.

Achamos por bem que os escuteiros não paguem a cota porque já o fazem para o Agrupamento (10\$00).

O GRANDE ENCONTRO — de toda a JAEOCA, é junto ao Altar, na primeira missa (7 horas) do primeiro domingo de cada mês. O sector de Liturgia, intervém.

O Coro, entoará cânticos do mundo jovem. Ao fim da missa, no salão recreativo do Centro paroquial far-se-á programação do mês.

Parabéns aos responsáveis. Esperamos que sempre sejais dignos e merecedores da CONFIANÇA que depositamos em vós.

Zé Paulo

Panorâmica de Escutismo O poeta e a sua obra

I O FUNDADOR

Em 22 de Fevereiro de 1857 nasceu em Londres Robert Stephenson Baden — Powell.

Em 1869 entrou para a escola de Cartucho. A escola possuía uma mata, que estava vedada aos alunos, mas Baden — Powell costumava ir para lá observar os animais, apanhar por vezes um coelho que assava numa fogueira sem fumo (o fumo tê-lo-ia denunciado aos mestres) e aí desenvolvia as suas habilidades na construção de abrigos e aprendia a usar um pequeno machado.

Era muito popular na escola, não por ser estudante de grande evidência, mas evidenciava-se em desenho, canções cómicas, representações, e tinha sempre consigo a sua incansável boa-disposição.

Em 1876 faz exame de admissão à escola do exército e imediatamente entra com a patente de alferes do Regimento de Hussardos n.º 13, então colocado na Índia. Muito se distinguia não só pelo zelo no cumprimento do dever, mas também pela habilidade, desportiva e boa camaradagem, de tal modo que em 1883, com 26 anos, recebe a patente de capitão desse Regimento. Era perito em explorações e espionagem. Em 1884 regressa da Índia.

Fez várias viagens à África, onde realizou grandes empresas contra os Zulus, Boers e os habitantes de Achanti. Foi nesta última que ele aprendeu o ditado: «devagar, devagarinho se apanha o macaco», que veio a ser o seu ditado preferido; usou-o muitas vezes quando os outros se precipitavam a fazer as coisas, e em vez de as fazer tranquilamente e depois de ter pensado bem.

Peias explorações realizadas na África principalmente na guerra dos Matabeles, a Baden — Powell foi confiado o comando do «Regimento de Dragões 5» em serviço na Índia. Nele conseguiu conquistar rapidamente a confiança dos soldados. Lá dividiu os soldados em pequenos grupos (patrulhas) sobre o comando de um guia, e aquele grupo que realizasse melhor trabalho, recebia um prémio «flor de liz», que na bússula indica o Norte. Entretanto teve de emprender uma guerra contra os Boers (África do Sul). Quando a guerra rebentou estava ele em Mefeking com as suas forças; enquanto os Boers cercavam a cidade com 9 mil homens. Mesmo depois de 217 dias de cerco graças à sua alegria e desenvoltura (desenrascamento), a cidade não foi tomada. Com esta vitória Baden — Powell foi promovido a Major — General, o mais novo do exército.

Entretanto voltou à Inglaterra e vê que o seu pequeno livro «Aids to scouting» (que continha palestras que ele fizera aos soldados na Índia) tinha sido adoptado como compêndio de juventude. E para adoptar melhor os métodos de exploração à formação dos jovens estuda o plano e realiza em 1907 um acampamento experimental na ilha de Brownsea com cerca de vinte rapazes e quatro patrulhas: corvos, touros, maçaricos e lobos. Este acampamento foi tão bem sucedido que Baden — Powell resolveu escrever tudo o que tinha ensinado à volta do «fogo do conselho» e assim nasceu o livro «Scouting of boys» ou antes em português «Escutismo para rapazes», que entusiasmou muitíssimo os rapazes pois em 1908 já havia 60 mil escuteiros.

Em 1910 o rei Eduardo VII permitiu a Baden — Powell deixar o exército para se dedicar mais ao escutismo. Em 1929 quando recebe a honra do baronato com o nome de Lord Baden — Powell of Gilwell, visita Portugal, e em 1934 visita Portugal pela segunda vez. Mas eis que em 8 de Janeiro de 1941 no Quênia, depois de 84 anos de serviço contínuo com os jovens, entrega a sua alma a quem lha tinha entregado.

II. ESCUTISMO EM PORTUGAL

Já antes de 1923, data em que se fundou o C. N. E., nessa altura C. S. C. P. (Corpo de Scouts Católicos Portugueses), havia escutismo nesse ponto extremo da Europa onde a terra acaba e o mar começa. Esse escutismo era e é conhecido por A. E. P. (Associação dos Escuteiros de Portugal) fundado em 1912. Ele di-

fero do C. N. E. por admitir todas as religiões, ao passo que o C. N. E. é estritamente católico.

A ideia do C. N. E. surgiu durante o Congresso Eucarístico Internacional realizado em Roma em 1922. O Venerando Primaz das Espanhas, D. Manuel Vieira de Matos e o Sr. Doutor Avelino Gonçalves assistiram a esse Congresso e viram os escuteiros católicos italianos, obedientes à disposição dos seus dirigentes, prestarem evidentes e brilhantes serviços ao Congresso. Daí surgiu o sonho, realizado em 27 de Maio de 1923 que por alvará do Governo Civil de Braga começa a ter existência legal e jurídica o Corpo de Scouts Católicos Portugueses (C. S. C. P.).

Depois de várias discordâncias no Senado (pois o Sr. Pereira Osório insurge-se contra o escutismo pretendendo deitar a baixo obra de tão grande valor), eis que em 14 de Fevereiro de 1925 surge a aprovação dos Estatutos do C. S. C. P.

Também não pode ficar esquecido o 1.º Acampamento Nacional realizado de 1 a 18 de Agosto de 1926 onde o Venerável e Santo Imortal, Beato Nuno, venceu os derrotados Castelhanos. Em 1929, por iniciativa de Lobo da Penha pensa-se em substituir «scouts» pela palavra portuguesa «escutas». Depois da questão bem estudada, ficou de opinião geral que se usasse a palavra portuguesa; daí surge C. N. E. (Corpo Nacional de Escutas) em vez de C. N. S. (Corpo Nacional de Scouting).

Também nesse ano (5 de Março) surge a honra e a grande alegria para o escutismo português! O Chefe — Escuta mundial, o genial fundador do Escutismo, dignou-se a visitar Portugal. A cidade de Lisboa ficou impressionada ao ver o desfile de 700 rapazes das 3 associações escutistas: A. E. P. (Associação dos Escuteiros de Portugal); U. A. P. (Adeiros de Portugal, fundado em 1914) e o C. N. E. Baden — Powell disse levar muitas saudades desta visita e que voltaria. E voltou em 12 de Abril de 1934 no paquete Adratic depois de já ter visitado por duas vezes (1.ª em 21 de Janeiro de 1930 e a segunda em 9 de Julho de 1931) a Madeira. É certo que nessa visita a Portugal não lhe foi permitido desembarcar devido a uma recente enfermidade. No entanto a sua esposa e o seu chefe adjunto Sr. Percy Everett receberam os dirigentes portugueses.

Há certamente em 1932 uma data a comemorar, 28 de Setembro, em que morre, o fundador do C. N. E., D. António Vieira de Matos que é substituído por D. António Bento Martins Junior. O escutismo português também em 1941 sentiu dolorosamente o desaparecimento do Chefe mundial Lord Baden — Powell.

Em 1945, o jornal Flor do Liz, fundado em 1925 (Fevereiro n.º 1) passa à forma de revista.

Em 1948 o C. N. E. celebrou a sua primeira grande festa, «bodas de prata» ou seja 25 anos do apóstolo-nascimento, realizada em Braga com o Acampamento Nacional no Bom-Jesus do Monte. Desde aí as actividades mais folgadas foram os Acampamentos Nacionais assim distribuídos: em 1952 em Avintes; em 1956 em Coimbra-Choupal; em 1964 em Covilhã; e em 1968 em Portalegre.

Em 1973, data que de maneira nenhuma é para esquecer: estava-se a realizar o Acampamento Nacional em Marrazes (Leiria), na altura em que o C. N. E. fazia 50 anos; realiza-se assim em Braga a sua maior festa de sempre, e a maior concentração possível até então, 5.000 escuteiros, vindos de todos os cantos deste nosso amado Portugal, principalmente do Acampamento Nacional de Leiria.

Em resumo o C. N. E. está em franco crescimento, mas perdeu os agrupamentos do Ultramar, mas, mesmo assim devem existir cerca de 15 mil filiados.

III. A NÍVEL PAROQUIAL

1. Tempo a recordar

Neste jardim à beira-mar plantado, S. Paio de Antas, nossa gentil e amada terra, o escutismo já tem longas e velhas recordações.

Este movimento surgiu pela primeira vez em 1950 com o P.e Benjamin Salgado, (eloquente orador e

musicólogo), e nesta altura surge como chefe António Gonçalves Carmalho. Mas eis que em 1958 ele desliga-se do escutismo e surge na frente do glorioso grupo Manuel Faria Viana que muito se aplicou e muito conseguiu dos seus perspicazes pupilos. Este casou-se em 1968 e em virtude dos seus afazeres familiares é obrigado a deixar o escutismo, que nessa altura fica entregue a Manuel Augusto Rodrigues Moreira. E foi durante o reinado deste último que ele foi abaixo, não por ele mostrar falta de talento ou falta de atenção, mas devido ao serviço militar.

Pois teve que deixar a sua e nossa terra e, não havendo ninguém capaz de continuar tão arrebata da missão, o glorioso grupo de escutismo morreu, ou antes, entrou em sono letargal.

2. O Renascimento

Depois de cerca de uma década de sono profundo, eis que o escutismo surge de novo.

Este renascimento surgiu por, além de outros, três factores primordiais:

1.º — O novo pároco, — P.e Brito, que com a sua juventude e o seu entusiasmo levou a cabo várias empresas, não deixando de destacar o escutismo que à sua sombra nasceu logo após a sua vinda.

2.º — O agora chefe de agrupamento — outrora guia do Grupo — Mário Neiva que com a sua experiência, trabalho e dedicação conseguiu levantar as hostes do escutismo nesta nossa louvada e querida terra.

3.º — Além disso, embora num ponto um pouco à margem pode-se ainda destacar a actividade de certos escuteiros desta terra (que pertenceram a um outro agrupamento) entre os quais: José Saleiro, José Faria, Manuel Sampaio e Bino Faria.

O renascimento não foi obra, por assim dizer, de «canja». Pois é para notar a frase que o então guia do Grupo disse após a promessa realizada no dia 1 de Agosto do ano transacto: «foi difícil mas conseguimos». Isto quer dizer que só após três meses de grandes dificuldades e duro trabalho dele e outros já experientes, foi possível levar a cabo a obra valorosa que enveredamos.

Além da promessa, que ainda hoje vive no nosso pensamento, exercemos outra actividade que de mãos marcou muitíssimo: foi o acampamento na Amorosa que apesar dos seus quês e privações correu maravilhosamente.

E para não esquecer a última Promessa realizada a 24 de Outubro do ano transacto. Pois foi nela que entrou pela primeira vez o lobitismo no nosso Ogrupamento.

Irmãos «scutas!» Depois de tanto trabalho, e da obra tão valorosa levantada não é para desanimar, vamos continuar a nossa luta e não deixar derrubar a nossa bandeira.

Bino Faria

Sabia que...

— Os escuteiros se reúnem à volta do altar no último Domingo de cada mês?

— No raid «s. s.» (super secreto) que se organizou no dia 19 de Dezembro do ano passado com a presença de todos os agrupamentos do concelho, todos os prémios (três) foram arrecadados pelas três patrulhas do nosso agrupamento?

— No dia 22 deste mês os escuteiros vão realizar uma pequena festa em honra do fundador Baden Powell.

— O «calendário escutista» já está no «depósito de material», e o preço para o público é de 12\$50?

— O «Jambori Mundial» em 1979 vai ser realizado no Irão (Pérsia)? Só poderá ir quem tiver a primeira classe.

— A assinatura de «Flor de Lis» (órgão de informação escutista) é agora de 100\$00, por aprovação superior do conselho nacional?

(Conclusão da 6.ª pág.)

Casou-se em 1912 com D. Maria Adelaide da Cunha Sottomaior, e ficou a morada numa sossegada e bela residência em S. Paio de Antas, Esposende. Foi neste retiro que compôs as suas mais belas poesias.

Em 1937 visitou o Brasil recebendo significativas homenagens da intelectualidade e povo do país irmão. Também em Portugal o seu nome correu de lés a lés aureolado com a fama justamente merecida de «poeta da Raça».

Morre em 20 de Fevereiro de 1960 na sua «Quinta das Rosas».

2. A SUA PRODUÇÃO POÉTICA

A sua produção poética está dividida em três fases:

1.ª: Fase do lirismo regional: esta fase infantil que coincide com a sua residência em S. Pedro do Sul, terra que o viu nascer. Ai canta a terra fecunda e carinhosa; o Vouga e as suas margens, as árvores... Canta as coisas e as existências como elas são.

2.ª: Fase do panteísmo evolucionista: coincide com a sua estadia em Lisboa; nesta altura desvia-se da paisagem idílica que cantava na terra em que nascera, e dei-

xa-se influenciar pelo panteísmo evolucionista e pampsiquismo, doutrinas da geração de Setenta (isto é uma corrente literária de 1870 formada por escritores como, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós...) então muito em voga.

3.ª: fase do tradicionalismo patriótico e cristão. Coincide com o seu casamento e com a sua vinda para a «Quinta das Rosas», nesta nossa e sua terra. Abandona a posição filosófica do pampsiquismo e panteísmo e volta-se para o catilicismo, onde vê a resolução dos seus problemas vitais. E nesta altura que se tranforma no poeta do povo, da pátria e de Deus. A sua poesia é sentimental, épico-religiosa, e racionalista (de raça).

A Pátria e o Povo irmanaram-se na mente do poeta. E Deus, na sua ardente fé, é o Verbo que se fez carne, o Redentor com a sua Graça habita no coração de cada homem e leva-o à felicidade. Não faltou em vida do poeta quem o menosprezasse por ter lançado mãos a temas religiosos, que ele permanecia antiquado. Mas ele entendia que seria bom mostrar o interior da alma e a alma do poeta estava no fim da vida, cheia de Deus.

Bino Faria



É também dos paroquianos... não falta lugar aprazível para se desdentrarem!...

CORTEJO -- Um êxito consumado

(Conclusão da 7.ª pág.)

vras daquele paroquiano (...)

— Demos, mas do Deus Criador, receberemos muito Mais! Só demos do que Lhe pertence!

Aqui ficam os recortes du- de S. Paio de Antas. Parabéns, Pereira, Azevedo, Monma impressão. Parabéns, povo te e lugares de Cima. Parabéns, Estrada e Belinho. Parabéns, Guilheta. Mostrasteis que a política não é capaz de vos dividir. Vós, cada-vez mais fortes na UNIÃO.

Desteis provas de que a vossa política é o trabalho. Que valoriza e dignifica a pessoa.

Jamais, alguém contestará

a vossa união e amor à Igreja.

Em tudo e por tudo, apenas sei dizer — OBRIGADO SENHOR.

Catequese..

(Conclusão da 7.ª pág.)

Curso que se realizou em Antas teve o melhor êxito pois todas as crianças estão a crescer como cristãs, devido à conjugação de esforços entre pároco, catequistas, famílias e todas as pessoas da paróquia.

Então Antas terá a Catequese que merece.

P.e Mesquita (orientador do Curso)